

Moisés e Paulo

OS DISPENSEIROS DA

LEI e GRAÇA

C. R. Stam

INTRODUÇÃO

Os que ainda não entraram na compreensão do carácter da mensagem e apostolado de Paulo murmuram frequentemente, dizendo que o exaltamos demasiado. Para exemplificar citamos as palavras de um crítico: «Na Igreja Católica Romana é *Maria, Maria, Maria*; entre vós é *Paulo, Paulo, Paulo*».

Como consequência deste criticismo alguns que *vêem* bastante claramente que Paulo foi divinamente designado para introduzir a dispensação da graça, começam a referir-se com reservas e restrições às passagens em que o próprio Paulo insiste na sua comissão e autoridade apostólica, e caem assim, e levam os outros a caírem, no mesmo laço que tanto, e há tanto tempo, tem desfigurado e amarrado a Igreja: a confusão da mensagem e programa confiados a Paulo com a mensagem e programa previamente confiados aos doze.

O *facto*, muito simples, é que apesar de os Fundamentalistas, juntamente com os Modernistas e Católicos Romanos, terem geralmente considerado Paulo como meramente um dos apóstolos, responsável pela proclamação da mesma mensagem que os doze foram enviados a proclamar, as *Escrituras* ensinam claramente que *isso não é assim*; que a sua mensagem e ministério eram completamente distintos e separados dos deles; que a ele foi confiada a doutrina e o programa para uma nova dispensação nunca antes sequer prevista, excepto na mente de Deus.

O não reconhecimento deste *facto*, acentuamos, é a causa básica da confusão e divisão que se tem apegado à Igreja durante tantos séculos.

Talvez a distinção do ministério de Paulo possa ser melhor compreendida e apreciada se nós o compararmos com o de Moisés, especialmente como ele próprio o caracteriza em Deuterenómio 4.

Nós procurámos fazer isto numa série de artigos publicados na *Berean Searchlight* em 1952. Nessa altura a reacção que recebemos dos nossos leitores foi tão encorajante, e tantos, desde então, instaram tanto connosco para os publicarmos em forma de livro, que fomos levados a fazê-lo e a apresentar este volume com a oração de que o Espírito Santo o use para iluminar e esclarecer muitos do Seu povo, trazendo-os a campos de maior bênção e utilidade.

Cornelious R. Stam
Chicago, Illinois
Abril, 20, 1956

Capítulo I

A AUTORIDADE PAULINA

Nenhuma reserva deve ser feita no que diz respeito à obediência à Palavra de Deus escrita, quando bem dividida, e foi por *inspiração de Deus*, não por orgulho ou por se julgar importante, que o apóstolo declarou:

«*Porque convosco falo, Gentios, que enquanto for apóstolo dos Gentios GLORIFICAREI (ou, EXALTAREI) O MEU MINISTÉRIO*» (Rom. 11:13).

Na verdade a triste condição da Igreja durante a maior parte da presente dispensação tem-se devido directamente à sua desobediência a esta passagem das Escrituras e à sua quase constante rebelião contra a autoridade de Paulo, que Deus lhe deu, como Apóstolo dos Gentios.

É verdade que na nossa pregação e ensino da Palavra de Deus nos referimos provavelmente mais a Paulo, a maior parte das vezes, do que a qualquer outro ser humano com a excepção do Senhor Jesus Cristo, que era tanto Deus como Homem. Contudo não se deve concluir daqui que consideramos Paulo quase tão grande como Cristo, ou que os coloquemos ambos ao mesmo nível.

Nós sabemos que Paulo foi o principal dos pecadores, salvo pela graça, enquanto que Cristo foi o santo Filho de Deus e o Salvador dos pecadores. Nós sabemos que Paulo era *nada* em si mesmo, enquanto que Cristo *é tudo* pois, «*N'Ele habita corporalmente, toda a plenitude da divindade*» (Col. 2:9). Porém foi a Paulo que o Senhor glorificado confiou a revelação da Sua mensagem e programa para nós nesta presente dispensação.

Não é a *pessoa*, mas a *posição* de Paulo que nós glorificamos ou exaltamos, como as Escrituras o fazem, e se nós nos rendêssemos ao constante clamor daqueles que minimizam o ministério de Paulo, em vez de o glorificarem e exaltarem, seríamos desobedientes à verdade, tanto quanto eles, assim como ficaríamos igualmente confusos.

Paulo repreendeu os Coríntios pela sua carnalidade dizendo: «*Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido?*» (I Cor. 1:12, 13). «*Porque dizendo um: Eu sou de Paulo, e outro: Eu de Apolo: porventura não sois carnis? Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, serão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um?*» (I Cor. 3:4, 5).

Contudo, apesar de tudo isto, o apóstolo instou duas vezes com os *mesmos* Coríntios: «*Sede meus imitadores*». Estaria ele a contradizer-se aqui? Queria ele dizer com isto que o partidarismo de Apolo ou Cefas ou Cristo era carnal, mas espiritual o de Paulo? De modo algum. A verdade é que os Coríntios tinham começado a voltar as costas à revelação dada a Paulo para os Gentios e tinham tomado partidos, uns com Paulo, uns com Apolo, uns com Cefas e uns com Cristo, *como se todos eles estivessem a trabalhar em oposição ou pelo menos em competição uns com os outros*. Não era esse o caso, pois o mesmo Senhor ressuscitado que tinha enviado Pedro a proclamar os seus

direitos reais, levantou mais tarde Paulo enviando-o com a mensagem da graça. Pedro e os outros em Jerusalém tinham reconhecido isto e, em vez de se oporem a Paulo, reconheceram solene e publicamente a sua posição dando-lhe as dextas da comunhão (Gál. 2:7-9). Assim houve pleno acordo entre eles quanto à revelação confiada a Paulo, como também havia entre Paulo e Apolo (ver Actos 18:26; I Cor. 5:6; 4:6; 16:12). Numa palavra, não se tratava duma questão de personalidade, mas de *uma revelação divina e de uma posição dada por Deus*. Isto deveria ser claramente compreendido e nenhuma espécie de reserva deveria ser feita ao reconhecimento da autoridade do Apóstolo Paulo sobre os crentes hoje.

Quando, nos dias do Velho Testamento, Israel se desviou de Deus, não foi meramente porque a nação se rebelou contra a Palavra de Deus em geral, mas porque ela se rebelou contra a Palavra de Deus *por meio de Moisés* em particular; e no reavivamento no tempo de Esdras, por exemplo, o povo não foi exortado a seguir os programas em vigor nas dispensações anteriores, mas exortado a volver-se obedientemente para *a lei de Moisés*. Isto exaltava Moisés acima de Deus? De modo algum, pois a autoridade de Moisés não era inerente; foi-lhe *delegada* por Deus.

Precisamente assim também, a presente deplorável condição da Igreja é devida não meramente à rebelião contra a Palavra de Deus em geral, mas à rebelião contra a Palavra de Deus *por meio de Paulo* em particular. Deus agora também não nos exorta a voltarmos aos programas em vigor nas dispensações anteriores, mas a seguirmos obedientemente o programa da graça, pois não nos esqueçamos, que assim como certamente *a dispensação da lei*, foi confiada a Moisés, assim também a *dispensação da graça* de Deus foi mais tarde confiada a Paulo, como ele mesmo diz em Ef. 3:1-3.

«*Por esta causa eu, Paulo, sou prisioneiro de Jesus Cristo por vós os Gentios; se é que tendes ouvido A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, que para convosco ME FOI DADA; como me foi este mistério manifestado pela revelação...»*

Temos muitas vezes sentido que aqueles que acham difícil compreender a posição única de Paulo como apóstolo da graça, seriam ajudados se fizessem um exame comparativo com a posição de Moisés. Por isso apresentamos este breve estudo do capítulo quarto de Deuterónimo, no qual Moisés tem, provavelmente, muito a dizer sobre a sua comissão e autoridade.

Capítulo II

O ELEMENTO PESSOAL NAS EPÍSTOLAS PAULINAS

Os que ficam perturbados com o acentuado elemento pessoal nas epístolas de Paulo deveriam tomar tempo para ler os cinco livros de Moisés, pois enquanto Paulo se refere a ele mesmo pelo nome umas trinta vezes e pelo pronome pessoal umas centenas de vezes nas suas epístolas, Moisés refere-se nos seus escritos a si mesmo pelo nome mais de seiscentas vezes e pelo pronome pessoal umas milhares de vezes. É certo que os escritos de Moisés são consideravelmente mais volumosos que os de Paulo, mas proporcionalmente Moisés refere-se a si mesmo muitas mais vezes que Paulo, enfatizando repetidas vezes a sua autoridade conferida por Deus sobre o povo de Israel. Em Deut. 4:1-2 temos um exemplo típico:

«Agora, pois ó Israel, ouve os estatutos e os juízos QUE EU VOS ENSINO, para os cumprirdes: para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o Senhor Deus de vossos pais vos dá. Não acrescentareis à palavra que EU VOS MANDO, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando».

Porque é que aqui Moisés colocou toda esta ênfase em si? Seria isso devido a orgulho humano ou importância própria? Não foi, pois lemos em Núm. 12:3 a declaração inspirada pelo Espírito:

«E era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra».

Como lemos em Heb. 3:2, Moisés foi «fiel Àquele que o constituiu». No entanto, ainda que não fosse nada em si mesmo, Moisés tinha sido escolhido e comissionado por Deus para dispensar a lei de Israel, e a mensagem que Deus lhe dera não deveria ser confundida com as palavras de outros homens de Deus. Ele não deveria ser considerado meramente um homem pio, digno de um crédito semelhante aos outros. Ele era o homem, e o único homem, a quem Deus originalmente entregara a dispensação da lei, e confundir as suas palavras com as dos outros seria obscurecer a mensagem e o programa de Deus para aquela época.

O Senhor Jesus, quando ainda estava na terra, confirmou amplamente Moisés nesta ênfase sobre a posição que Deus lhe dera.

Após a purificação de um leproso, o Senhor *«advertindo-o severamente logo o despediu. E disse-lhe: Olha, não digas nada a ninguém; porém vai mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua purificação O QUE MOISÉS DETERMINOU, para lhes servir de testemunho»* (Marcos 1:43, 44).

Quando os fariseus lhes apresentaram a questão do divórcio, Ele perguntou-lhes em réplica:

«... QUE VOS MANDOU MOISÉS?» (Marcos 10:3).

Ao denunciar os escribas e os fariseus pela sua maldade, contudo insistiu:

«...NA CADEIRA DE MOISÉS ESTÃO ASSENTADOS OS ESCRIBAS E FARISEUS. OBSERVAI, POIS, E PRATICAIS TUDO O QUE VOS DISSEREM... » (Mat.23:2, 3).

Assim também aconteceu com Paulo. Ele não pretendia ser algo em si mesmo. Ele intitulava-se o «*principal dos pecadores*» (I Tim. 1:15), «*o mínimo de todos os santos*» (Ef. 3:8) e «*não digno de ser chamado apóstolo*» (I Cor. 15:9), porém Deus confiou-lhe originalmente a *ele*, a *ele somente*, a dispensação da Sua graça e o programa divino para a época que vivemos agora. Na realidade, ele próprio foi o *exemplo* supremo da graça que foi enviado a proclamar (I Tim. 1:12-16), de tal modo, que se o seu apostolado fosse posto em questão a sua mensagem também o seria. Ele era portanto responsável perante Deus por tornar claro isto aos outros de modo a que a mensagem e o programa divinos não pudessem ser confundidos com o que antes tinha estado em vigor.

Esta é a razão das repetidas referências de Paulo a si mesmo e da sua vigorosa defesa do seu próprio apostolado. É por isso, que por inspiração de Deus, Ele fez declarações tão fortes como as seguintes:

«*Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, SEJA ANÁTEMA. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, SEJA ANÁTEMA*» ¹ (Gál.1:8,9)

¹ A Igreja professa tem *obscurecido* grandemente a grande mensagem Paulina ao *confundi-la* com instruções divinas para *outras* dispensações. Isto tem sido mesmo acompanhado pela maldição de Deus em vez da Sua bênção e nenhuma tentativa para restaurar a bênção prevalecerá, à parte da redescoberta da mensagem e do programa puros e inalterados que Deus, por revelação, entregou a Paulo para nós.

Capítulo III

COMO PAULO RECEBEU A SUA AUTORIDADE

Moisés não decidiu impor as leis a Israel pessoalmente. Ele foi designado pelo próprio Deus para ser o grande dador da lei a Israel. Ele salienta isto repetidas vezes, e muito claramente, como em nenhuma outra parte, neste quarto capítulo de Deuterenómio:

«Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, COMO ME MANDOU O SENHOR MEU DEUS... TAMBÉM O SENHOR ME ORDENOU AO MESMO TEMPO QUE VOS ENSINASSE ESTATUTOS E JUÍZOS...» (Deut. 4:5-14).

Deus não designou Moisés por um método indirecto, como, por exemplo, uma visão subjectiva ou por um sonho, mas aparecendo-lhe pessoalmente e falando com ele, como vemos em Êxodo e Números.

«E FALAVA O SENHOR A MOISÉS CARA A CARA, como qualquer fala a seu amigo...» (Êxodo 33:11).

«E (o Senhor) disse: Ouve agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. BOCA A BOCA FALO COM ELE, e de vista, e não por figuras; pois, ele vê a semelhança do Senhor; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés? Assim, a ira do SENHOR contra eles se acendeu; e foi-se» (Núm. 12:6-9).

Da última passagem acima citada é evidente que a designação directa de Moisés pelo próprio Deus coloca-o numa categoria muito diferente dos outros a quem Deus se tinha revelado indirectamente por visões, sonhos, etc., pois aqui os próprios irmãos e irmã de Moisés são severamente repreendidos por questionarem a autoridade única de Moisés. Eles estavam a rebelar-se contra *Deus* ao rebelarem-se contra aquele que Ele tinha pessoal e directamente designado. Assim o Senhor perguntou-lhes: *«Porque, pois, não tiveste temor de falar contra o Meu Servo, contra Moisés?»*. E ao dizer-lhes isto, apartou-Se deles irado.

O argumento para a autoridade Paulina hoje não é menos forte. Paulo não se designou a ele mesmo como apóstolo dos Gentios, nem inventou a mensagem que lhes proclamava. Nos seus escritos inspirados pelo Espírito ele usa praticamente a mesma fraseologia que Moisés usou.

A respeito da Ceia do Senhor diz:

«PORQUE EU RECEBI DO SENHOR O QUE TAMBÉM VOS ENSINEI...» (I Cor. 11:23)

A respeito do evangelho que ele pregava entre os Gentios ele dizia:

«**PORQUE PRIMEIRAMENTE VOS ENTREGUEI O QUE TAMBÉM RECEBI...**» (I Cor. 16:3).

A respeito da vinda do Senhor para arrebatá-los, diz:

«**DIZEMO-VOS, POIS, ISTO PELA PALAVRA DO SENHOR...**» (I Tes. 4:15)

E Paulo, semelhantemente a Moisés, recebeu a sua comissão e autoridade *directamente* do próprio Senhor glorificado e não por qualquer método indirecto. *Quão plenamente* foi permitido, quer a Moisés quer a Paulo, ver o Senhor na Sua glória não é aqui relevante. O ponto é que nenhum deles O viu meramente numa visão ou sonho subjectivos, mas por revelação directa. Assim na sua carta aos Gálatas Paulo declara enfaticamente:

«**MAS FAÇO-VOS SABER, IRMÃOS, QUE O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO OS HOMENS, PORQUE NÃO O RECEBI, NEM APRENDI DE HOMEM ALGUM, MAS PELA REVELAÇÃO E JESUS CRISTO**» (Gál. 1:11, 12).

Notemos bem que ele não recebeu a sua mensagem meramente por uma revelação *de* Cristo, mas *pela revelação DE Cristo a ele*. Como tinha sido com Moisés, assim foi com Paulo; o Senhor revelou-SE-lhe e falou com ele face a face e boca a boca. Aquele que aparecera a Moisés com a lei, no meio dos relâmpagos e trovões do Sinai, manifestou-se depois em carne para morrer pelo pecado e agora aparece a Paulo com uma mensagem de graça infinita.

Como aconteceu com Moisés, não foi de uma só vez, mas repetidas vezes que o Senhor apareceu a Paulo para falar com ele face a face e boca a boca. Ao recordar a sua conversão perante Agripa, ele conta como *ouviu* «*uma voz falando-lhe*», e como o Senhor lhe dissera:

«**... (EU) TE APARECI POR ISTO, PARA TE PÔR POR MINISTRO E TESTEMUNHA TANTO DAS COISAS QUE TENS VISTO COMO DAQUELAS PELAS QUAIS TE APARECEREI AINDA**» (Actos 26:16).

Uma das vezes que o Senhor lhe apareceu de novo foi na sua primeira ida a Jerusalém após a sua conversão. Acerca disso ele mesmo diz:

«*E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim, E VI AQUELE QUE ME DIZIA: Dá-te depressa e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim*» (Actos 22:17, 18).

Assim apareceu de novo o Senhor a Paulo e falou-lhe face a face e boca a boca, ordenando-lhe desta vez para sair de Jerusalém porque agora o testemunho dele a Israel seria fútil. Deus tinha tratado com Israel durante muito tempo, mas agora a crise espiritual chegara. Estêvão tinha sido apedrejado até à morte e Deus tinha erguido Paulo para o enviar como *um outro* apóstolo a fim de transportar *uma outra* mensagem a um mundo de pecadores perdidos: «*o Evangelho da graça de Deus*».

Na sua segunda carta aos Coríntios o apóstolo relata como certa ocasião fora «arreatado ao terceiro céu», vira o Senhor e «ouviu palavras inefáveis» (II Cor. 12:1, 4). Na verdade, nesta mesma passagem ele fala da «abundância» ou «excelências» das revelações (v. 7) e diz ainda: «Passarei às visões e revelações do Senhor» (v. 1).

Estas repetidas revelações do próprio Senhor ao apóstolo comunica-nos a certeza de que nas epístolas de Paulo poderemos encontrar as verdades particulares, tanto espirituais como práticas, que nos dizem respeito a nós, como membros do Corpo de Cristo, e a mensagem particular que devemos proclamar ao mundo que nos rodeia.

É-nos comunicada confiança quando, ao pregarmos a mensagem de Deus a pecadores hoje em dia, declaramos:

«MAS ÀQUELE QUE NÃO PRÁTICA, MAS CRÊ NAQUELE QUE JUSTIFICA O ÍMPIO, A SUA FÉ LHE É IMPUTADA COMO JÚSTIÇA» (Rom. 4:5).

«SENDO POIS JUSTIFICADOS GRATUITAMENTE PELA SUA GRAÇA, PELA REDENÇÃO QUE HÁ EM CRISTO JESUS» (Rom. 3:24).

É-nos comunicada confiança de estarmos na vontade de Deus na nossa determinação, erguendo-nos e firmando-nos na liberdade e permitindo que a graça de Deus faça a sua obra nas nossas vidas.

Hoje não nos devemos sujeitar à lei de Moisés, pois o próprio Deus pôs de parte o concerto da lei. Também não nos devemos sujeitar aos doze como a Igreja Pentecostal estava sujeita, pois o ministério dos doze foi sobrepujado e substituído pelo de Paulo quando Israel rejeitou Cristo como Rei. Hoje devemos conformar os nossos ensinamentos e práticas à grande revelação confiada pelo Senhor glorificado ao Apóstolo Paulo. É verdade que *toda* a Palavra de Deus é proveitosa, mas toda ela deve ser vista à luz desta verdade.

Capítulo IV

A IMPORTÂNCIA DA OBEDIÊNCIA RIGOROSA À AUTORIDADE PAULINA

Já vimos no caso de Moisés que ele não deveria ser considerado meramente um *outro homem* pio que merecia crédito em pé de igualdade com outros. Ele foi o *homem*, o *único* homem, a quem Deus confiou a dispensação da lei e todos os outros homens de Deus que se lhe seguiram num período de mil e quinhentos anos tiveram de tomar o seu lugar sob Moisés e isto de tal modo que mesmo Cristo na terra foi obediente à lei de Moisés e ensinou os Seus seguidores a serem-no também (Mat. 23:1, 3).

Como sabemos, houve uma ocasião em que Míriam e Aarão, irmã e o irmão de Moisés, protestaram – aparentemente na provação de Míriam.

«... *Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou também por nós...?*» (Núm. 12:2).

Por isto «*a ira do Senhor contra eles se acendeu*» (12:9). Míriam foi ferida com a lepra (12:10) e mesmo apesar de na confissão e intercessão de Aarão ela ter sido restaurada ela foi «*envergonhada*» e «*fechada sete dias fora do arraial*» (12:14).

Mais tarde Coré, Datão e Abirão, juntamente com «duzentos e oitenta homens... maiores da congregação... varões de nome» (Núm. 16:2) reuniram-se conjuntamente contra Moisés em protesto, dizendo que ele e Aarão exaltaram-se si mesmos na congregação do Senhor (16:3). Porém perante mandamento de Deus Moisés disse aos críticos que se reuniram em protesto: «*Nisto conhecereis que o Senhor me enviou a fazer todos estes feitos, que de meu coração não procedem*» (16:28).

«*E aconteceu que acabando ele de falar todas estas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu. E a terra abriu a sua boca, e os tragou com as suas casas, como também todos os homens que pertenciam a Coré, e toda a sua fazenda*» (16:31, 32).

É uma felicidade para a maioria dos crentes hoje, o facto de esta ser a dispensação da graça e não a da lei, porque não fosse assim, quantos, sim, quantos se têm rebelado contra a autoridade de Paulo ordenada por Deus como Seu apóstolo para esta dispensação! Quantos, mesmo entre os Fundamentalistas, têm caído no pecado dos Coríntios e se põem eternamente a comparar os méritos de Paulo com os dos outros apóstolos ou com os de Cristo, argumentando: «Será que Paulo foi melhor ou maior que os outros apóstolos?» e, «O que é mais importante, as palavras de Jesus ou as palavras de Paulo?» Tais pessoas sentem frequentemente que têm ganho uma grande vitória quando nos citam estas palavras do próprio Paulo:

«*Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfémias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de*

entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais» (I Tim. 6:3, 5).

Contudo inquiramos a razão desses críticos compararem «as palavras de Jesus» com as de Paulo, e a razão de eles aplicarem a passagem acima a nós. Será que é porque eles estão assim tão sinceramente desejosos de *obedecerem* às palavras que o Senhor Jesus falou quando Se encontrava na terra? Não é, pois eles desobedecem constantemente a elas, desde o «Sermão da Montanha» até à «Grande comissão». Será que eles dão o que têm e dão esmolas? (Lucas 12:33). Será que se abstêm de ajuntar tesouros na terra? (Mat. 6:19). Será que não pensam no dia de amanhã? (Mat. 6:34). Eles não citam I Tim. 6:3, aplicando esta passagem a nós, porque realmente eles queiram *obedecer* às palavras de Cristo quando esteve na terra, mas porque estão determinados a minimizar o que Deus tem magnificado: O ministério de Paulo como o apóstolo dos Gentios (Rom. 11:13).

Mesmo um exame superficial de I Tim. 6:3, 5 mostrar-lhes-ia que longe de os defender na sua contenda, esta passagem prova ser um autêntico «bumerangue»² para eles, pois é em relação às instruções que Paulo, pelo Espírito, deu a Timóteo, que ele escreveu:

«Se alguém ensina alguma OUTRA DOCTRINA, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo... é soberbo» etc.

Por outras palavras, o apóstolo aqui está a insistir que as suas palavras são «as palavras do Senhor Jesus» e que portanto é muito sério desobedecer-lhes. O apóstolo escreve no mesmo sentido aos carnais Coríntios que tinham desdenhado da sua autoridade apostólica, ao compará-lo com Apolo, Cefas e Cristo.

«... Se outra vez for, não lhes perdoarei; VISTO QUE BUSCAIS UMA PROVA DE CRISTO QUE FALA EM MIM...» (II Cor. 13:2, 3)

Os que, como os Coríntios, minimizam o apostolado de Paulo, deveriam aprender que não se trata de uma questão de personalidade mas de *uma mensagem e de um programa* entregue pelo Senhor glorificado *a um único homem – Paulo – para nós*. Assim, quando eles falham em reconhecer a autoridade de Paulo dada por Deus também falham em glorificar Cristo como deveriam, pois foi a Paulo e por seu intermédio que o Senhor ausente revelou a Sua glória infinita à mão direita do Pai. É Paulo, e não ninguém antes dele, que diz:

«ASSIM QUE DAQUI POR DIANTE A NINGUÉM CONHECEMOS SEGUNDO A CARNE, E, AINDA QUE TAMBÉM TENHAMOS CONHECIDO CRISTO SEGUNDO A CARNE, CONTUDO AGORA JÁ O NÃO CONHECEMOS DESTE MODO» (II Cor. 5:16).

O ponto a ser lembrado, então, é que não se trata de uma questão de personalidades; de quem é maior, se Pedro, se Paulo, se Cristo (pois Cristo não deve ser comparado com o homem decaído) mas do simples facto que o Senhor ressuscitado e

² Nota do tradutor - «Instrumento beligerante australiano que uma vez accionado, o projectil que é lançado em direcção ao objectivo regressa ao accionante. Esta é a forma figurativa para expressar o mesmo pensamento quando dizemos que «o tiro saiu-lhe pela culatra».

exaltado, *após* o Seu ministério terreno e a Sua comissão dada aos doze; após Israel ter rejeitado a mensagem Pentecostal, levantou *um outro* apóstolo e entregou-lhe a mensagem e o programa para o dia em que vivemos.

Daqui concluímos que é nossa solene responsabilidade prestar particular atenção à Palavra de Deus por meio de Paulo, a fim de podermos compreendê-la totalmente e obedecer a ele plenamente.

Na sua mensagem ao povo de Israel Moisés disse:

«*Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando*» (Deut. 4:2).

Não bastava «conseguir a essência» das palavras de Moisés e levá-las a cabo «em substância». Elas deveriam ser obedecidas à letra. Semelhantemente devemos levar detalhadamente a cabo o programa resumido para nós pelo apóstolo Paulo, pois semelhantemente diz, pelo Espírito:

«*Conserva O MODELO DAS SÃS PALAVRAS que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus*» (II Tim. 1:13).

Hoje constituiria *desobediência* se nos colocássemos sob a lei de Moisés, pois a autoridade espiritual já não está mais investida sobre Moisés, mas Paulo, e Paulo informou os Gálatas disto em termos nada incertos.

Os Gálatas, depois de terem vindo ao conhecimento de Cristo por meio da «pregação da cruz» de Paulo, tinham começado a submeter-se à lei de Moisés. Eles não queriam ser desobedientes. Eles não tinham caído no mundanismo ou nos pecados da carne. Eles queriam ser *mais* obedientes. Eles estavam a acrescentar os ensinamentos de Moisés aos de Paulo. Porém por isto eles estavam a negar que a *Paulo*, e *não* a Moisés, tinha sido entregue a particular mensagem e programa *para eles*, e por isso foram repreendidos e chamados *desobedientes*:

«*Ó INSENSATOS GÁLATAS! QUEM VOS FASCINOU PARA NÃO OBEDECERDES À VERDADE?*» (Gál. 3:1).

«*CORRIEIS BEM; QUEM VOS IMPEDIU, PARA QUE NÃO OBEDEÇAIS À VERDADE?*» (Gál. 5:7).

Ao procurarem obedecer a Moisés, eles tinham *desobedecido à verdade*, pois Deus já tinha introduzido a dispensação da graça por meio de Paulo.

Ah, quantos ainda hoje continuam a desobedecer à verdade, quando se colocam debaixo da lei. Na verdade, muitos desobedecem à verdade, ao procurarem em vão levar a cabo a chamada «Grande Comissão» com o seu legalismo, a sua salvação baptismal, os seus sinais miraculosos, etc., pois Deus, depois disso, deu a Paulo e a nós uma comissão maior, mais elevada – a de II Cor. 5:18, 19.

Nós louvamos a Deus por muitos que presumem estar a operar sob a chamada «Grande Comissão» não tentarem levar a cabo os seus detalhes, pois se eles o fizessem

colocar-se-iam ainda mais seriamente fora da vontade de Deus, mas louvamos a Deus porque só pensam ir «por todo o mundo» com o «Evangelho». Contudo a falha deles em verem que esta grande comissão foi substituída por a que mais tarde foi dada a Paulo, só serve para confundi-los e àqueles a quem eles ministram.

Quão importante então é lembrarmo-nos que apesar de toda a Escritura ter sido escrita *para* nós, isto é, para nosso *ensino* e *proveito*, não é toda dirigida a nós, nem é toda escrita acerca de nós. A nossa «correspondência privada» deve ser encontrada nas epístolas de Paulo.

Capítulo V

OS RESULTADOS DO DESVIO DA MENSAGEM PAULINA

Antes de compararmos as mensagens de Moisés e Paulo temos ainda de nos alargar sobre o ponto de que como aconteceu no caso de Moisés com Israel, também constituiu um grave pecado para os crentes nesta dispensação desviarem-se da mensagem de Paulo. Na exortação de Moisés ao seu povo, ele disse:

«Quando pois gerardes filhos, e filhos de filhos, e ver envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma escultura, semelhança dalguma coisa, e fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira, hoje, tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir; não prolongareis os vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes às quais o Senhor vos conduzirá» (Deut. 4:25, 27).

Os Israelitas não deveriam tomar as suas bênçãos em Canaã como dado adquirido, e tornarem-se indiferentes aos mandamentos de Deus por meio de Moisés. Na verdade, Moisés avisou-os, mesmo nessa época, que se eles agissem assim «depressa pereceriam na terra» que tinham possuído, e seriam espalhados entre as nações.

E assim também Paulo, nesta época, avisou os crentes que perderiam as bênçãos destinadas a eles se se desviassem da verdade e do programa tornados conhecidos por meio dele. Na verdade, alguns já tinham começado a desviar-se e a perda da bênção tornou-se imediatamente evidente. Os Gálatas são um exemplo impressionante disso – e uma lição para nós.

Oh como eles se tinham regozijado quando Paulo veio pela primeira vez a eles com «a pregação da cruz» e «o Evangelho da graça de Deus»! Quando eles o ouviram pregar, e notaram a dificuldade (e talvez dor) que ele experimentou com os olhos, diziam uns aos outros: «Eu desejava poder dar-lhe os *meus olhos*! Ficaria alegre sem eles. Ele tem tanta necessidade de vista, e só de pensar na alegria e bênção que ele nos trouxe!...»

Contudo Paulo teve que os deixar e eles foram logo tomados pelos Judaizantes que, com «zelo», desviaram-nos de Paulo e da sua mensagem (Gál. 4:17).

E então Paulo teve que lhes escrever:

«Maravilho-me de que tão depressa passásseis d'Aquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho,» (1:6).

«Ó insensatos Gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado como crucificado?» (3:1)

«QUAL É, LOGO, A VOSSA BEM-AVENTURANÇA? Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, arrancaríeis os olhos, e mos daríeis» (4:15).

A bênção desaparecera! Os que conjuntamente se tinham regozijado nas riquezas da graça de Deus, proclamadas por Paulo, tinham-lhe agora voltado as costas, voltando-se para Moisés e a lei. Embora Deus tivesse enviado Paulo a declarar *«Cristo remiu-nos da maldição da lei»* (3:23) os Gálatas quiseram «estar debaixo da lei» (4:9, 21) e trocaram assim Paulo por Moisés.

Ao agirem deste modo «desobedeceram à verdade» (3:1 ; 5:7) e perderam a bênção, ou bem-aventurança, pois, estranhamente, apesar de eles *quererem* «estar debaixo da lei» contudo «*não ouviam a lei*» (4:21), mas «*mordiam-se e devoravam-se uns aos outros*» até ao ponto de Paulo ter de os avisar: «*Vede não vos consumais também uns aos outros*» (5:15).

Assim é ainda hoje. A Igreja tem perdido a bênção ou «bem-aventurança» (Gál. 4:15) e ceifado a «maldição» (1:8, 9) na medida em que ela tem abandonado Paulo e a sua mensagem. As suas múltiplas seitas ainda se «mordem e devoram umas às outras» e não estão todas senão a «consumirem-se umas às outras». Mesmo quando, professando um desejo de *obedecer* a Deus mais perfeitamente, regressa a Moisés e à lei, ou à «Grande Comissão», ela *não cumpre «a justiça da lei»* (Rom. 8:4) nem verdadeiramente *obedece* à «Grande Comissão». Na realidade, ela *não pode* levar a cabo a «Grande Comissão», nem a lei *pode* alguma vez produzir os frutos que só a graça produz consistentemente.

Assim o apóstolo diz pela autoridade recebida do Senhor ressuscitado:

«ESTAI POIS FIRMES NA LIBERDADE COM QUE CRISTO NOS LIBERTOU, E NÃO TORNEIS A METER-VOS DEBAIXO DO JUGO DA ESCRAVIDÃO. EIS QUE EU, PAULO, VOS DIGO... SEPARADOS ESTAIS DE CRISTO, VÓS OS QUE VOS JUSTIFICAIS PELA LEI: DA GRAÇA TENDES CAÍDO» (GÁL. 5:1, 4).

Capítulo VI

AS MENSAGENS DE MOISÉS E PAULO COMPARADAS

Agora vamos comparar os ensinamentos de Moisés e Paulo e ver quão vantajoso é para nós compreendermos e obedecermos à mensagem do Senhor glorificado por meio de Paulo para nós, e quanto perdemos quando nos desviamos dessa mensagem ou a confundimos com mensagens visadas para homens de outras dispensações.

A LEI VERSUS GRAÇA

Primeiro devemos compreender claramente que «a lei foi dada por Moisés» (João 1:17) enquanto que a Paulo foi entregue «o Evangelho da graça de Deus» (Actos 20:24).

Já estamos a ouvir o leitor objectar dizendo que nós citamos apenas parte de João 1:17, que diz mais: «a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo», não por Paulo. Contudo, uma reflexão momentânea revelará a fragilidade dessa objecção.

É certo que a «lei foi dada por Moisés», mas não quando ele nasceu, nem quarenta anos mais tarde, quando ele fugiu da face do Faraó, nem mesmo quarenta anos depois disso, quando ele regressou para libertar Israel. Não foi antes de o cordeiro Pascal ter sido morto e Israel ter atravessado o Mar Vermelho que Moisés ascendeu ao Monte Sinai para receber a lei das Mãos de Deus. Precisamente assim também «a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» - não quando Ele nasceu, nem mais tarde, durante o Seu ministério terreno, nem mesmo quando Ele morreu e ressuscitou. Não foi antes da Sua morte, ressurreição e ascensão que a graça (consistente com a verdade) veio³ por Jesus Cristo – e Ele confiou a dispensação da mesma a Paulo.

Esta verdade não poderia ser declarada mais claramente que em Efé. 3:1,4):

«Por esta causa eu, Paulo, sou prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios, se é que tendes ouvido A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, QUE PARA CONVOSCO ME FOI DADA; como me foi este ministério manifestado pela revelação como em cima um pouco vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do ministério de Cristo.»

Assim, como «a lei foi dada por Moisés», «o Evangelho da graça de Deus» foi confiado pelo Senhor *glorificado* a Paulo, para nos ser dispensado.

E que diferença!

Com Moisés, era *ordenada* obediência rigorosa. Vimos isso no seu discurso registado em Deut. 4. Ele refere-se repetidas vezes à «palavra que vos mando». E a bênção na terra também requer obediência *consistente, contínua* ou, ele diz: «Tomo por testemunha contra vós o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir» . (Deut. 4:26).

³ *Historicamente*, precisamente como a lei foi dada, historicamente, por Moisés.

Quão diferente é a mensagem da graça! Ali a salvação é oferecida como um *dom gratuito*, na base da obra consumada de Cristo (Rom. 3:25 ; 6:23) e aqueles que aceitam a oferta e assim são salvos, são por sua vez exortados:

«Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional» (Rom. 12:1).

Oh como o próprio apóstolo enfatiza o grande contraste entre a lei com as suas exigências e penalidades, e a graça com a sua abundante provisão gratuitamente concedida àqueles que a recebem!

Quanto à lei o apóstolo diz pelo Espírito:

«Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, PARA QUE TODA A BOCA ESTEJA FECHADA E TODO O MUNDO SEJA CONDENÁVEL DIANTE DE DEUS, POR ISSO NENHUMA CARNE SEJA JUSTIFICADA DIANTE DELE PELAS OBRAS DA LEI, PORQUE PELA LEI VEM O CONHECIMENTO DO PECADO» (Rom. 3:19, 20).

«... A LEI OPERA A IRA» (Rom. 4:15).

«... A LEI NENHUMA COISA APERFEIÇOOU» (Heb. 7:19).

Ele chama à lei:

«... O MINISTÉRIO DA MORTE» (II Cor. 3:7).

«... A CÉDULA QUE ERA CONTRA NÓS NAS SUAS ORDENANÇAS» (Col. 2:14).

E depois revela a graça como o complemento divino da lei. O que a lei *exigia* a graça *supre* ou *provê*:

«VEIO, PORÉM, A LEI PARA QUE A OFENSA ABUNDASSE; MAS, ONDE O PECADO ABUNDOU SUPERABUNDOU A GRAÇA» (Rom. 5:20).

«... e pecado não teve domínio sobre vós, pois NÃO ESTAIS DEBAIXO DA LEI, MAS DEBAIXO DA GRAÇA» (Rom. 6:14).

«TODOS AQUELES POIS QUE SÃO DAS OBRAS DA LEI ESTÃO DEBAIXO DA MALDIÇÃO; PORQUE ESCRITO ESTÁ; MALDITO TODO AQUELE QUE NÃO PERMANECER EM TODAS AS COISAS QUE ESTÃO ESCRITAS NO LIVRO DA LEI, PARA FAZÊ-LAS» (Gál. 3:10)

«CRISTO NOS RESGATOU DA MALDIÇÃO DA LEI, FAZENDO-SE MALDIÇÃO POR NÓS» (Gál. 3:13).

«EM QUEM TEMOS A REDENÇÃO PELO SEU SANGUE, A REMISSÃO DAS OFENSAS, SEGUNDO AS RIQUEZAS DA SUA GRAÇA» (Efé. 1:7).

«PARA MOSTRAR NOS SÉCULOS VINDOUROS AS ABUNDANTES RIQUEZAS DA SUA GRAÇA. PELA SUA BENIGNIDADE PARA CONNOSCO EM CRISTO JESUS» (Efé. 2:7).

«E DEUS É PODEROSO PARA FAZER ABUNDAR EM VÓS TODA A GRAÇA, A FIM DE QUE TENDO SEMPRE, EM TUDO, TODA A SUFICIÊNCIA, ABUNDEIS EM TODA A BOA OBRA» (II Cor. 4: 15).

«PORQUE TUDO ISTO É POR AMOR DE VÓS, PARA QUE A GRAÇA, MULTIPLICADA POR MEIO DE MUITOS, FAÇA ABUNDAR A ACCÇÃO DE GRAÇAS PARA A GLÓRIA DE DEUS» (II Cor. 4:15).

«NÃO ANIQUILA A GRAÇA DE DEUS; PORQUE, SE A JUSTIÇA PROVÉM DA LEI, SEGUE-SE QUE CRISTO MORREU DEBALDE» (Gál. 2:21).

Notemos bem que esta dispensação da graça foi confiada a *Paulo* por Cristo, *da Sua glória, no céu*.

Oh, a Igreja tem tomado grandemente os ensinamentos de Cristo na *terra* como seu programa e tem trazido confusão e divisão indescritível ao seu meio pela sua cegueira. Ela tem-se esquecido que sobre a terra Cristo *nasceu* «sob a lei» (Gál. 4:4) e que Ele ensinou também os Seus discípulos a sujeitarem-se aos que se sentavam «na cadeira de Moisés» (Mat. 23:1, 3). Alguns pensam que depois da ressurreição isto foi alterado, e assim procuram em vão levar a cabo a «Grande Comissão» que o Senhor deu aos onze. Mas até nisto trazem confusão e divisão às suas fileiras, pois o programa da «Grande Comissão» difere amplamente e totalmente do programa mais tarde resumido para nós por Cristo *no céu* por meio do apóstolo Paulo. Em parte alguma de qualquer dos registos da Comissão que o Senhor deu aos onze lemos algo acerca da «*dispensação da graça de Deus*» ou do «*Evangelho da graça de Deus*». Em parte alguma lemos acerca da «*pregação da cruz*» (como boas novas). Em parte alguma é revelado que *agora* não é mais necessário observar-se os estatutos e ordenanças Mosaicas. Pelo contrário os onze foram rigorosamente mandados pelo Senhor a ensinar aqueles a quem eles eram enviados para que «*observassem todas as coisas que eu vos tenho mandado*» (Mat. 28:20) e a evidência dos Actos é clara em como sob a sua comissão os apóstolos (*agora* doze, Actos 1:26) *observaram* rigorosamente a lei, como o seu Mestre tinha feito antes deles e os tinha mandado fazer.

Não foi antes de Israel ter novamente rejeitado Cristo e o Seu reino; antes de Saulo de Tarso ter conduzido a sua nação em rebelião acesa contra Cristo; antes do pecado na verdade *ter abundado*, que «*a graça superabundou*», quando o Senhor rejeitado, no céu, *salvou* o Seu principal perseguidor e o tornou o grande exemplo da Sua graça incomparável.

É porque isto é tão pouco compreendido que uma Igreja confundida tem proclamado um «Evangelho» confuso a um mundo perdido. É por isto que a sua «trombeta» tem produzido «som incerto» e os seus membros não se têm erguido para «se prepararem para a batalha».

A GRAÇA NÃO ESTÁ BASEADA EM CONCERTOS

Deveremos notar que enquanto Moisés ordenou ao povo de Israel: «*Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do SENHOR, vosso Deus*» (Deut. 4:23) o Apóstolo Paulo, pelo Espírito, convida-nos a recordar que nós *não* éramos povo do concerto de Deus, mas estranhos aos concertos; que as nossas bênçãos são encontradas apenas *em Cristo*, e baseiam-se somente nos méritos da Sua obra consumada:

«*Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis Gentios na carne...*

«*que naquele tempo estáveis SEM CRISTO, SEPARADOS DA COMUNIDADE DE ISRAEL, e ESTRANHOS AOS CONCERTOS DA PROMESSA, NÃO TENDO ESPERANÇA, e SEM DEUS no mundo.*

«*MAS AGORA EM CRISTO JESUS, VÓS, QUE ANTES ESTÁVEIS LONGE, JÁ PELO SANGUE DE CRISTO CHEGASTES PERTO*» (Ef. 2:11, 13).

Para Israel a palavra de ordem era: «Lembra-te do concerto que Deus fez contigo». Para nós é: «Lembra-te que Deus nunca fez *qualquer* concerto contigo; que Ele te concede a salvação e bênção *completamente* por graça».

CANAÃ E OS CELESTIAIS⁴

A seguir, consideremos a *esfera* de bênção a que Deus chamou Israel por Moisés, em comparação com a que Ele agora nos chama por Paulo.

As instruções de Moisés para Israel tinham em vista a ocupação por parte de Israel da *terra de Canaã* e a sua bênção ali. As de Paulo para nós têm em vista a nossa ocupação dos *celestiais* e o nosso gozo de «todas as bênçãos espirituais» ali.

Mesmo aqui, em Deut. 4, Moisés refere-se repetidamente à «*terra que ides possuir*» enquanto que Paulo permanece consistentemente na «*esperança que para vós está reservada nos céus*» (Gál. 1:15).

Contudo, tanto nos escritos de Moisés como nos de Paulo encontramos lado a lado dois elementos importantes: *predição* e *desafio*.

Na base do Concerto Abraâmico (Gén. 15:18, 21) Moisés sabia que um dia Israel ocuparia a terra de Canaã e *predisse* que isto ocorreria (Deut. 33:27, 29), mas ele também sabia que neste mesmo concerto Deus já tinha dado a terra de Canaã a Israel para que esta fosse possuída e ocupada *pela fé*. «À tua semente Eu *tenho dado* esta terra» é o que lemos em Gén. 15:18. Assim Moisés recordou em tom de desafio quando eles estavam no limiar da herança divina:

⁴ Lugares ou regiões celestiais.

«Então vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o Senhor nosso Deus nos dará. Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: SOBE, POSSUI-A...» (Deut. 1:20, 21).

Oh, mas o registo de Moisés continua a dizer:

«Então todos vós chegastes a mim e dissestes: Mandemos homem diante de nós, para que nos espiem a terra, e nos dêem resposta por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir» (Deut. 1:22).

«Mas nem por isso crestes ao Senhor vosso Deus» (Deut. 1:32).

E o resultado foi que os espias (excepto Josué e Caleb) regressaram com o aviso de que Israel *não* deveria subir e possuir a terra (Núm. 13:31) o que quase ia resultando no apedrejamento de Josué e Caleb por estes insistirem que eles deveriam ir. E por isso, toda aquela geração, excepto Josué e Caleb, morreu no deserto. Foi por isso que mais tarde Moisés exortou a nova geração em Israel:

«Agora, pois, oh Israel, ouve... **PARA QUE VIVAIS; E ENTREIS, E POSSUAIS A TERRA que o Senhor Deus de vossos pais vos dá**» (Deut. 4:1).

Que lição isto deveria ser para nós quando Deus coloca diante de nós a nossa gloriosa herança nos celestiais!

É verdade que um dia *ocuparemos* essa herança a despeito das nossas falhas!

«Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos **ARREBATADOS** juntamente com eles nas nuvens, a **ENCONTRAR O SENHOR NOS ARES, E ASSIM ESTAREMOS SEMPRE COM O SENHOR, PORTANTO, CONSOLAI-VOS UNS AOS OUTROS COM ESTAS PALAVRAS**» (I Tes. 4:16, 18).

Estas são as palavras de Paulo «o apóstolo dos Gentios», mas, como Moisés com Canaã, ele oferece os celestiais como algo mais do que uma expectância futura. Ele declara que são nossa herança *presente*; uma posição que nós podemos ocupar *agora pela fé*. Assim, nos escritos de Paulo, também encontramos o elemento *desafio* juntamente com o elemento *predição*, no que diz respeito aos celestiais.

Na carta aos Efésios ele escreve:

«Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, **NOS VIVIFICOU JUNTAMENTE COM CRISTO** (pela graça sois salvos), e **NOS RESSUSCITOU JUNTAMENTE COM ELE E NOS FEZ ASSENTAR NOS LUGARES CELESTIAIS, EM CRISTO JESUS**» (Ef. 2:4, 6).

É esta a nossa posição por virtude do nosso baptismo (pelo Espírito) em Cristo, e é na base deste *facto* posicional que o apóstolo escreve aos Colossenses:

«PORTANTO, SE JÁ RESSUSCITASTES COM CRISTO, BUSCAI AS COISAS QUE SÃO DE CIMA, ONDE CRISTO ESTÁ ASSENTADO A DIREITA DE DEUS.

«PENSAI NAS COISAS QUE SÃO DE CIMA, E NÃO NAS QUE SÃO DA TERRA; PORQUE JÁ ESTAIS MORTOS E A VOSSA VIDA ESTÁ ESCONDIDA COM CRISTO EM DEUS» (Col. 3:1,3).

Oh que nós respondamos melhor ao desafio do apóstolo, do que Israel ao de Moisés! A Igreja como um todo não tem agido melhor do que Israel. Ela permanece quase totalmente indiferente às riquezas da graça e à glória que lhe está reservada. Como Israel, ela falha em entrar por causa da incredulidade (Heb. 3:19). Porém a sua incredulidade não afecta a fidelidade de Deus, nem anula a Sua Palavra (Rom. 3:3). Aceitemos, portanto, como Josué e Caleb, o desafio de Deus e digamos no que respeita à nossa herança nos celestiais: *«Subamos e possuamo-la»* e assim apropriemos e gozemos pela fé *«todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais»*, que são nossas em Cristo.

NÓS SOMOS HERANÇA DE DEUS

Mas Israel não *recebeu* apenas uma herança de Deus; a nação favorecida também *era* Sua herança, pois Israel foi (e será) purificada e glorificada como Sua própria possessão preciosa.

Assim Moisés diz:

«Mas o Senhor vos tomou e vos tirou do forno da terra do Egito, PARA QUE LHE SEJAIS POR POVO HEREDITÁRIO, COMO NESTE DIA SE VÊ» (Deut. 4:20).

Certamente que Deus virá ao pleno *gozo* da Sua herança quando a nação de Israel for finalmente salva e exaltada entre as nações, mas sob Moisés ainda havia o desafio:

«Agora pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então sereis A MINHA PROPRIEDADE PECULIAR DENTRE TODOS OS POVOS porque toda a terra é minha» (Êx. 19:5).

E assim é com a Igreja desta dispensação, o Corpo de Cristo. Nós temos *recebido*, como costumamos dizer, as riquezas da graça e a glória da nossa herança em Cristo, mas mais: *nós* também somos a herança *de Cristo*, e o nosso apóstolo ora cheio de fervor:

«Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais AS RIQUEZAS DA GLÓRIA DA SUA HERANÇA NOS SANTOS» (Efé. 1:17, 18).

Pela graça Ele ainda fará do Corpo comprado pelo Seu sangue a glória do universo, pois é propósito imutável de Deus para *«os séculos vindouros»*, *«mostrar as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus»* (Efé. 2:7).

«...também Cristo amou a Igreja, e a Si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, PARA A APRESENTAR A SI MESMO IGREJA GLORIOSA, SEM MÁCULA, NEM RUGA, NEM COISA SEMELHANTE, MAS SANTA E IRREPREENSÍVEL» (Ef. 5:25, 27).

Como foi com Israel, assim será conosco. O Senhor virá ao pleno gozo da Sua herança num dia futuro quando formos final e totalmente transformados à Sua semelhança. Mas de novo, como foi com Israel, podemos *começar* a dar-lhe a alegria da Sua herança agora quando entramos no gozo destas gloriosas verdades pela fé e deixamos que elas controlem as nossas vidas e nos transformem à Sua semelhança (II Cor. 3:18).

DEUS TEM FALADO

Existe uma passagem em Deut. 4 que, à primeira vista pode fazer parecer que Israel tinha uma grande vantagem sobre nós no seu relacionamento com Deus. É a seguinte:

«Porque, pergunta agora aos tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tão grande como esta ou se se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu a voz de algum deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo» (Deut. 4:32, 33).

Foi na verdade uma grande honra e um grande privilégio que Deus conferiu ao povo de Israel quando Ele lhes falou pela Palavra da Sua boca, no meio dos relâmpagos e trovões do Sinai. *Apenas* no caso de Israel «Deus falou todas estas palavras» audivelmente. Antes Deus nunca se dirigira a uma nação pessoalmente.

Ah, mas Deus desde então tem falado *a toda a espécie humana*, e até duma maneira muito mais impressionante. No Sinai Ele falou as palavras da lei; agora, do céu, Ele fala de misericórdia e graça.

Alguns supõem que o caso é precisamente o contrário. Supõem que a ausência de demonstrações miraculosas, a falta de intervenção divina nos afazeres dos homens, etc, indica indiferença ou «desinteresse» da parte de Deus, quando de facto esta aparente indiferença fala-nos mais eloquentemente do que a voz de Deus falou a Israel no Sinai.

Na sua epístola aos Hebreus o apóstolo declara que:

«DEUS... A NÓS FALOU-NOS NESTES ÚLTIMOS DIAS PELO FILHO... O QUAL... HAVENDO FEITO POR SI MESMO A PURIFICAÇÃO DOS NOSSOS PECADOS, ASSENTOU-SE À DESTRA DA MAJESTADE NAS ALTURAS» (Heb. 1:1, 3).

E hoje Ele ainda se encontra ali assentado, enquanto nem Ele nem o Pai fazem algo para vingar o Seu brutal homicídio. Deus está silencioso, diz o leitor? Ele refreia-se

em falar ao homem? Se é assim, é somente porque Ele falou a Sua última palavra⁵ na Pessoa do Seu Filho glorificado, que permanece à Sua mão direita como o Dador da graça a um mundo perdido, na base da Sua obra consumada (Heb. 2:9). Este silêncio é mais eloquente que a voz que falou do Sinai. Clama a pecadores por toda a parte: «A porta da graça ainda está aberta. Reconcilia-te com Deus enquanto podes. Agora é o tempo aceitável. Agora é o dia da salvação». (Ver II Cor. 5.14-6.2). Clama aos santos: «Vós ainda tendes oportunidade de tornar a mensagem da graça conhecida aos outros, ainda que não possa ser por muito tempo. Remi o tempo; tirai partido da oportunidade, porque os dias são maus» (Ver Efé. 5:16).

Como Sir Robert Anderson disse muito bem:

«Um céu silencioso! Sim, mas não é o silêncio da indiferença insensível ou fraqueza irremediável. O silêncio é o sinal e a prova de que o caminho está aberto para que o mais culpado da humanidade se chegue a Deus. Quando esse silêncio um dia for quebrado significará o fim da amnistia; o fim do reino da graça, e o amanhecer do dia da ira predito nas Escrituras. Deus agora está silencioso porque Ele falou a Sua última palavra de misericórdia e amor em Cristo. Ele está a rogar aos homens que se reconciliem (II Cor. 5:20). Aquele a quem todo o juízo foi entregue, e que um dia aparecerá como juiz de todos, é agora o Salvador e está assentado no trono do Pai em graça».

PERTÍSSIMO

Há uma outra passagem em Deut. 4 que pertence à mesma categoria da que temos acabado de considerar. Trata-se do que Moisés diz ao seu povo:

«Porque, que gente (nação) há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que O chamamos?» (Deut. 4:7).

Na verdade isto era verdade, pois Deus *estava* perto do povo de Israel. Ele dissera a Moisés, quando ainda no monte:

«...far-Me-ão um santuário, e habitarei no meio deles» (Êx. 25:8).

E agora Ele *habitava* entre eles no tabernáculo.

Contudo, quando examinamos o registo, e o comparamos com os ensinamentos de Paulo quanto à íntima relação que agora existe entre Deus e os membros do Corpo de Cristo, a «proximidade» de Deus em relação a Israel parece «distanciamento».

Não deve ser suposto que Deus habitava abertamente com o Seu povo ou que eles tinham livre acesso a Ele em qualquer altura.

Ele habitava, como dissemos, no tabernáculo. Na verdade, Ele habitava no interior do santuário mais interior – o Lugar Santíssimo, ou o Santo dos Santos – que estava separado do resto do tabernáculo por um «véu» ou cortina espessa.

⁵ Antes de falar novamente em juízo, Sal. 2:5.

Nem toda a gente podia entrar no Santo dos Santos. *Só um sacerdote* podia fazer isso. Nem *todos* os sacerdotes podiam entrar, *só um; o Sumo-sacerdote*. E mesmo *ele* não podia entrar sempre que desejasse, mas *apenas uma vez cada ano*, no tempo determinado. Nem mesmo então, ele podia simplesmente entrar na presença de Deus, pois ele devia trazer com ele o sangue do sacrifício. Assim lemos em Heb. 9:7, 8:

«*Mas, no segundo (o Santo dos Santos), SÓ O SUMO-SACERDOTE, UMA VEZ NO ANO, NÃO SEM SANGUE, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo; dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário não estava descoberto...*»

Assim, apesar de, na verdade, Deus habitar mais perto de Israel do que de qualquer outro povo desse tempo, Ele ainda se mantinha a uma certa distância deles.

Não é assim conosco. Não existe nenhuma barreira entre Deus e o Seu povo hoje, pois na grande revelação Paulina descobrimos que o membro mais humilde do Corpo de Cristo tem sido «*tornado aceite no Amado*» (Ef. 1:6), tem uma posição diante de Deus como «*perfeito n'Ele*» (Col. 2:10); e pela virtude do seu baptismo em Cristo, *foi assentado nos celestiais à mão direita de Deus* (Ef. 2:6 ; 3:1, 3) para ali ser «*abençoado com todas as bênçãos espirituais*» (Ef. 1:3).

Assim a nossa posição é, e permanece, celestial, simplesmente porque nós estamos «em Cristo». Nós podemos nem sempre *ocupar* esta posição experimentalmente, ou *apropriarmos* e *gozarmos* permanentemente as nossas bênçãos nos celestiais, mas a *posição* permanece a mesma. Deus vê-nos *sempre em Cristo* à Sua mão direita (ver Rom. 8:1; 31, 34).

«*Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela Sua carne*» (Heb. 10:19, 20).

Alguns têm suposto que isto não se pode referir aos membros do Corpo uma vez que estes *já* se encontram *assentados na presença de Deus* em Cristo. Porém a nossa *posição* não deve ser confundida com a nossa *experiência* e *privilégio*. Efésios, a mesma epístola que nos ensina que *estamos assentados* à mão direita de Deus, também ensina que temos *acesso* à Sua presença (isto é, experimentalmente). Escrevendo aos crentes Gentios, mas escrevendo *acerca* de crentes Judeus e Gentios, Paulo diz, pelo Espírito:

«*E, vindo, ele evangelizou a paz a vós que estáveis longe e aos que estavam perto; porque, por ele, AMBOS TEMOS ACESSO ao Pai em um mesmo Espírito*» (Ef. 2:17, 18).

Em Rom. 5:1,2 a nossa *posição* e o nosso *privilégio* são aludidos conjuntamente:

«*SENDO, POIS, JUSTIFICADOS pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também TEMOS ENTRADA pela fé a esta graça, na qual estamos firmes...*»

Quão perto de Si mesmo Deus nos tem trazido! Em Cristo já fomos trazidos à Sua presença. Na nossa experiência diária «temos *acesso* pela fé a esta graça na qual estamos firmes»!

Ao lermos as palavras de Moisés: «Qual é a nação que tem Deus tão perto de si?» podemos bem considerar a mais íntima proximidade de Deus a Cristo e membros do Seu Corpo, e cantar com profunda gratidão:

Perto, tão perto de Deus,
Mais perto não posso estar
Pois na Pessoa do Filho Seu
Estou tão perto quanto Ele está.

UM TESTEMUNHO PARA OS ANJOS E OS HOMENS

Observemos a seguir como Moisés exortou a nação de Israel a testemunhar às nações que a rodeavam a respeito da sabedoria de se obedecer à lei, e como, por comparação, Paulo nos roga para testemunharmos aos homens e *anjós* a respeito da sabedoria do *propósito de Deus* ao tratar connosco na base da *graça*.

Moisés disse a Israel:

«Guardai-os, pois, e fazei-os [estes estatutos e juízos], porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que ouvirão todos estes estatutos e dirão: Só este grande povo é gente sábia e inteligente» (Deut. 4:6)

A nós, o apóstolo Paulo declara pelo Espírito que Deus tornou conhecido «o mistério»,

«PARA QUE AGORA, PELA IGREJA, A MULTIFORME SABEDORIA DE DEUS SEJA CONHECIDA DOS PRINCIPADOS E POTESTADES NOS CÉUS» (Ef. 3:10).

Quando é compreendido que o mistério foi a resposta de Deus às tentativas de Satanás de tornar o cumprimento da profecia impossível, esta declaração torna-se mais profundamente significativa. Também explica, porque é que Paulo escreveu acerca de si mesmo:

«... SOMOS FEITOS ESPECTÁCULO AO MUNDO, AOS ANJOS, E AOS HOMENS» (I Cor. 4:9).

PROVISÃO PARA A VITÓRIA ESPIRITUAL

Contudo há mais do que testemunho envolvido nas exortações de Moisés e Paulo. Moisés admoestou o seu povo a estar pronto para a *guerra* contra as nações determinadas a colocá-los fora da sua terra, embora lhes assegurasse que era propósito de Deus dar-lhes a vitória:

«PARA LANÇAR FORA de diante de ti GENTES (NAÇÕES) maiores e mais poderosas do que tu, PARA TE INTRODUIZIR, na terra e ta dar por herança como neste dia se vê» (Deut. 4:38).

Assim Paulo, pelo Espírito, também nos admoesta a estarmos prontos para a guerra; não contra «a carne e o sangue» mas contra Satanás e as suas hostes, que nos querem impedir de *ocuparmos* (experimentalmente) a nossa posição e de apropriarmos as nossas bênçãos nos celestiais.

«Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais» (Ef. 6:12).

Mas, como sucedeu com Israel, é da vontade de Deus que também nós tenhamos a vitória, e a tenhamos – *pela fé*. O crente não necessita de ser sempre derrotado. Na verdade Deus tem feito provisão graciosa para a vitória em *todas* as batalhas. Ele tem-nos dado «toda a armadura» (Gr. *panoplia*, «armadura completa») para podermos «ficar firmes» e após a batalha, sermos encontrados ainda firmes, como ele continua a dizer:

«Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes» (ver. 13).

É claro que esta armadura é completa e suficiente para a vitória em *todas as situações*, pois ela não inclui qualquer *protecção para as costas*. Ela é completa. É completa *sem* protecção para as costas, pois aquele que a usa nunca necessita de se voltar e fugir.

Pensamento admirável! Deus equipou-nos para pôr Satanás e os anjos decaídos em fuga e assim os expulsar para podermos ocupar o lugar deles nos celestiais!

Como aconteceu com Israel, o Corpo de Cristo tem falhado grandemente em pôr em fuga os seus inimigos e em ocupar a sua legítima herança nos lugares celestiais. Deus terá de, finalmente, o fazer *tanto* por Israel como pelo Corpo, *totalmente por graça*.

Para nós, os membros do Corpo, o Senhor virá com «CLAMOR» com «VOZ DE ARCANJO» e com «A TROMBETA DE DEUS» e arrebatá-nos-á, através das hostes da maldade, a fim de estarmos com Ele (I Tes. 4:16, 17). Tudo isto nos fala de guerra, ou pelo menos de preparação para a guerra. E haverá, de facto, guerra – guerra no próprio céu, quando Deus tomar as rédeas da situação e expulsar Satanás da sua possessão há muito possuída (Apoc. 12:7, 9) para que nós possamos entrar na plenitude da mesma.

Em conclusão, o facto da Igreja como um todo estar a falhar em «possuir a terra» não significa que individualmente falhemos, pois para *os membros individuais* do Corpo o apóstolo clama: «... Meus irmãos, FORTALECEI-VOS NO SENHOR... revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar FIRMES... para que possais RESISTIR no dia mau, e havendo feito tudo, FICAR FIRMES...»